

O ESPECTRO

NUMERO 48 — II ANNO 1889

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes 260

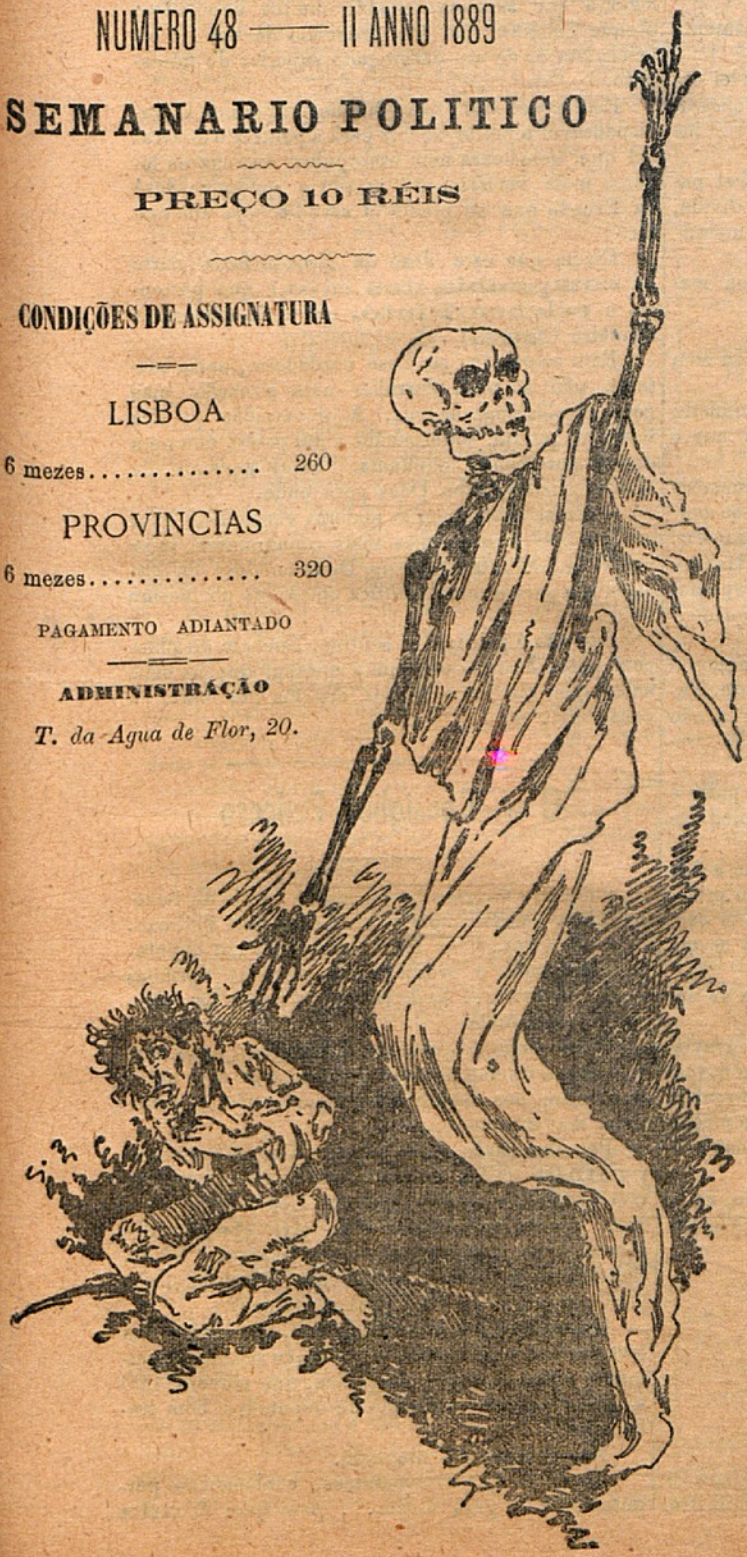
PROVINCIAS

6 mezes 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



Questões pessoais e irritantes

E' d'esta forma que o sr. Emygdio Navarro qualifica a apreciação que a opposição está fazendo das questões ou dos factos—para lhe não chamarmos crimes—que derrubaram a elle e ao sr. Marianno de Carvalho.

Se o ex-ministro das obras publicas julga com isso que faz calar a opposição, baldado empenho.

A qualificação de **questões pessoais e irritantes**, dada pelos reus á discussão ou apreciação dos seus actos, visa apenas a arredal-os do debate.

A tactica é conhecida.

A opposição olha-a, encolhe os hombros e vae para deante. E' o seu dever; ou o paiz está perdido sem remedio.

Quando eram ministros os dois homens que a opinião publica escorraçon do poder, a tactica era outra, mas o resultado apontava ao mesmo alvo.

Faziam degenerar a discussão em questões pessoais, para darem logar a **duellos**. O duello, segundo as praxes, faria terminar a discussão do assumpto ou do acto ministerial que o provocara. Arredado do debate, o ministro ficava á sua vontade. Poderia fazer o que quizesse, que ninguem lhe tocaria já n'aquelle particular. Não sabemos bem se isto entra no **ponto de honra** e está assim decretado no código... do *bom tom*.

Para os ministros e seus sequazes—e especialmente para os primeiros—nada mais commodo. A questão era arranjar dois outros **espadachins** com que pudessem contar, o que é sempre facilimo.

Felizmente o *Jornal de Noticias*, do Porto, deu um profundo golpe n'esta tactica. O seu illustre redactor prestou assim ao partido regenerador um dos mais assignalados serviços que se podem exigir de um correligionario. E não foi só ao partido: foi ao paiz que por igual serviu o sr. Arroyo.

De então para cá, quem quer defender as **traficancias** dos ministros, não é aos floretes nem aos sabres que vae buscar as provas da sua innocencia.

Pelo contrario, quem recorre a estes argumentos, mostra bem que não tem outros.

Hoje a opinião pensa que a **traficancia** que precisa esconder-se debaixo das espadas é porque não tem cara de apparecer em publico.

A tactica do **duello** para fazer calar o jornalista incommodo fez o seu tempo.

Deve-se ao Porto mais este serviço.

A doutrina differente que o sr. Navarro anda por lá a prégar no *Jornal da Manhã*, não pega, tenha a certeza d'isso.

A discussão dos actos dos ex-ministros ha de ser larga e desassombrada. Escalda-os? E' porque são como chagas purulentas, e a discussão como o ferro em brasa.

Hão de ser tratados a fogo, que é o unico tratamento efficaz.

São irritantes, são pessoas estas questões? Não podem ser outra coisa.

«*Quem chibatos vende e cabras não tem, de algures lhe vem.*»

O sr. Navarro não tinha cabras, mas tem hoje o chibato do *chalet!* e que belleza de chibato!—Logo de algures lhe veio.

Como se pode dizer isto sem ser de uma maneira pessoal?

O sr. Marianno deu 449 contos em pagamento de uma divida que tinha 56 annos.

Esse pagamento não se podia fazer sem lei especial, e não havia lei. Esse dinheiro não chegou todo á mão dos credores. Segundo elles proprios disseram, metade ficou pelo caminho.

Logo o sr. Marianno desviou dos cofres publicos 449 contos a pretexto de pagar uma divida, repartindo com... quem quer que fôsse, metade d'esse dinheiro.

Como se pode dizer isto sem ser de uma maneira pessoal?

E' uma questão irritante?

E'; principalmente para o paiz que ficou sem aquella grossa quantia.

Deus nos livre que a queda de um ministro pozesse termo á discussão dos assumptos que o derrubaram.

Quando os governos cahiam deante das questões de escola ou de principios, comprehendia-se perfeitamente aquella generosidade. Cahia o governo cahia a doutrina. Os ministros morriam com honra, abraçados ás medidas que o paiz repellia. Discutit-os era revolver as cinzas de um morto.

Mas hoje tudo mudou.

Com quem todo os ministros se importam menos é com o paiz. Repelle este a medida? Retira-se. Repelle a que a substitue? Vae outra. Ainda não quer esta? Terceira. E quarta e quinta se fôr precisa.

A questão não é de conveniencias do paiz; é de conveniencias do ministro; não é de medidas uteis, é de pastas rendosas.

Os ministros não ficam ou saem porque a sua gerencia seja boa ou má. Ficam emquanto precisam encher-se; saem, quando estão como um ovo. E' olhar para elles, que nem escondem já as apparencias.

Como se ha de fallar d'estas coisas, sem as envolver em questões pessoais?

A opposição contrahiu com o paiz um gravissimo compromisso. Ha de esclarecer cabalmente todas as questões irritantes com que derrubou o governo: ha de levar a luz das provas até á comprehensão dos mais humildes. Não ha treguas possiveis para o crime.

Se a opposição proceder de outro modo, receberá a herança do poder já sem forças e desacreditada.

Repetimos como outro dia:

Não valia a pena mudar de situação.

Uma grande malandrice

Não tem outro nome o acto do sr. ministro da fazenda que nomeou para um lugar da administra-

ção dos tabacos, com 900\$000 réis de ordenado, um tal José da Escada, sujeito filiado no partido socialista, que por traz da cortina trabalhava por conta do sr. Marianno. Foi o tal que alugou o quintal ao Rato, afim de lá se não poder realizar um comicio contra o ministro da fazenda, e que distribuia papeis incendiarios para fazer crer ao paço que o *meeting* era de inimigos das instituições. Era n'uma palavra um espião do sr. Marianno.

Pois este heroe premiou-lhe as proezas com um logar a que aspiram debalde muitos deputados; porque 900\$000 réis é o ordenado de um 1.º official; isto é, de um empregado superior do ministerio.

Esta malandrice não póde ficar impune. E' indispensavel annular de vez para a politica o miseravel que, sem honra nem escrúpulos, entrega os logares mais rendosos do estado a qualquer José da Escada que se presta a servir-o seja em que fôr.

Dizem que este José da Escada fazia parte da **companhia dos oito** a que pertencia o **celebre Pinto**, que quiz assassinar Pinheiro Chagas.

Este attentado, se fosse verdadeiro, seria bastante, não só para derrubar uma situação, mas para revolucionar o paiz. A devassidão politica tem-nos, porém, entorpecido a tal ponto, que nem damos por cousa nenhuma. Vamos andando, de olhos fechados, sabe Deus para onde.

Quer se pratiquem as maiores vergonhas, quer se commettam os crimes mais repugnantes, tudo nos é indifferente. João de Deus ou José da Escada são para a moral politica entidades do mesmo valor.

Isto não é politica é sentina. Encham de chloreto estes Mariannos, senão querem que os seus actos, que são como typhos, acabem por matar a consciencia publica.

O sr. Consiglieri Pedroso

Foi eleito director da companhia carris de ferro de Lisboa (americanos) o sr. Consiglieri Pedroso.

O sr. Consiglieri tem-se mostrado um deputado intelligente e erudito; mas as suas aptidões administrativas... ha de revelal-as agora na direcção da companhia.

Como diabo é que o sr. Consiglieri, que nem uma acção da companhia possuia, tres dias antes da eleição, nos apparece de repente não só accionista, mas director?

Por uma razão muito simples: Porque a **companhia dos americanos dispõe de 400 votos para as eleições de vereadores ou de deputados.** E os amigos dos amigos do sr. Consiglieri, deputado republicano, tiveram força para isso e hão de tel-a para muito mais.

Diz-se que um outro deputado, que dispõe das mesmas influencias, não tardará que apanhe igualmente outra direcção magnifica, que moverá 600 a 700 votos n'uma eleição de deputados bem trabalhada.

Não censuramos ninguém.

Na época que atravessamos, conhecemos perfeitamente o peso d'este... principio: **Cada**

um governa-se. Simplesmente diremos a quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir:

—**Um fructo da arvore...**

Outra coisa. O sr. Marianno dispõe dos votos do banco de Portugal e seus clientes; dos votos do pessoal dos caminhos de ferro; dos **votos das companhias** do Gaz; dos votos do pessoal da *régie*; de centenas de votos na alfanega...

Se o sr. Consiglieri lhe emprestar os votos da companhia dos americanos, e se arranjam as direcções a que acima alludimos, e essas lhe *emprastarem* os votos n'uma eleição politica, quem será capaz de sahir eleito contra a sua vontade?

Se o sr. Marianno não estivesse completamente desacreditado para com a parte mais pura do partido republicano, tenham a certeza que os seus tres annos de administração haviam de dar que fazer á monarchia. Ainda assim... *demus tempo ao tempo*, como diz o povo quando espera licção dos factos.

Epidemia de typhos

Está grassando em Lisboa uma terrivel epidemia de typhos, que no bairro occidental matou em 11 dias 27 pessoas! O sarampo e as bexigas, que teem invadido todos os bairros, completam o quadro sanitario de Lisboa, que é hoje a cidade mais insalubre da Europa, ficando mesmo abaixo da propria Constantinopla.

As providencias que se tomam, especialmente contra o terrivel flagello do typho, que é quasi sempre fulminante, são **nullas**.

Ninguém faz caso d'isto: ninguém se importa que a mortalidade seja grande nem pequena.

Ninguém quer saber se a epidemia ameaça assolar a cidade inteira.

—Não morra eu e os mais que se governem.

E' a linguagem dos que deviam curar **urgentissimamente** de cercar o flagello, de lhe impedir a marcha devastadora.

Isto não se acredita.

E' **urgentissimo** tomar providencias efficazes, ou prégarermos ao povo que fuja, senão quer morrer nas garras d'aquelle immortal inimigo, o **typho**, que a ineptia das auctoridades competentes deixa andar sem peias pela cidade.

Caçadas

Para defender as proezas agricolas do ex-ministro das obras publicas, publicava outro dia um jornal nocturno varios artigos de diferentes publicações agricolas.

Um dos articulistas chega a dizer que desde 1852 não fôra ao ministerio uma perola como o sr. Navarro, para cuidar da agricultura!

Esta defeza posthuma poderia ser *sincera*, se não fôsse obra do carnaval.

Bem te conheço, *beau masquée*. Qual foi o acto do ex-ministro que a tua critica illustrada e implacavel não esborrachasse, sob o peso de razões e argumentos sempre irrespondiveis?

Qual providencia deu aquelle cerebro á luz,

que a tua penna brilhante não reduzisse ás verdadeiras proporções de musanho da montanha?

Se perguntarem á consciencia do eminente professor do Instituto Agricola, que firmava o artigo, o que deixaria elle de pé, se fôsse chamado a reformar as **remodelações** do sr. Navarro, estamos convencidos que, a não ser a **duplicação do ordenado** dos professores do Instituto, tudo o mais iria para o barril do lixo: porque é lixo e do que menos vale. O lixo bom dá pão, pastos e carne. O das **remodelações** do sr. Navarro tira tudo isto, porque custam ao paiz centenaes de contos, sem outro resultado senão o de **crear mais um corpo de exercito de empregados publicos**: os empregados da agricultura, *que se contam já por milhares!!!*

*
*

O sr. conde de Samodães, o da corpanhia vinicola, tambem deitou incensadella.

Compreende-se. E mais a companhia pode considerar se gorada.

O que não diria este defensor de causas perdidas, se a marosca prosegue?

Quem tem verdadeira auctoridade em negocios de doencas?

Os medicos.

Quem tem verdadeira auctoridade em negocios de pontes e calçadas?

Os engenheiros.

Quem é que tem mais auctoridade em questões de leis?

Os advogados.

E se fizermos eguaes perguntas em negocios de sapatos, de fatos, de chapéos, etc., etc., havemos de responder que são os sapateiros, os alfaiaes e os chapeleiros, etc., etc.

Quem terá mais auctoridade em coisas agricolas?

Evidentemente os agricultores.

Pois perguntem-lhes se tudo quanto o sr. Navarro fez vale um pataeo, para augmentar a riqueza dos seus campos, e a produção das suas culturas.

—Tudo poeira, sr., mas poeira de oiro, porque o nosso dinheiro é que o ha de pagar, para desgraça da nação.

Eis a resposta que um d'elles ainda ha pouco nos deu.

O progromma do futuro ministro está traçado: **E' varrer a poeirada.**

A lenda dos fundos e a insignificancia do sr. Marianno

Uma das maiores glorias do sr. Marianno, a unica mesmo que elle apontava quando queria varrer a feira e estiraçar a opposição, era a da *su-bida* dos fundos.

Era ouvil-o na camara:

—Que tinha feito; que tinha acontecido; que encontrára tudo escangalhado e que tudo puzera que nem um beijinho; que se elle não entrasse para a fazenda era certa a bancarrota e a perda das

liberdades publicas e o desaparecimento da propria nacionalidade portugueza.

Finalmente, os discursos do sr. Marianno ter-65!!

minavam sempre com esta cantata:

—Encontrára os fundos a 45 e elevava-os a

E accenava com a cabeça aos tachygraphos para perfilarem deante d'esta ultima *boutade* uns sete pontos de admiração, pelo menos.

Era de ficar tudo empanturrado.

—20 pontos, dizia embasbacada e aparvalhada a turba multa dos panurgios.

Fel-os subir 20 pontos!

Oh! sabedoria!!!!!!

Alguns até limpavam uma lagrima de commoção.

Querem ver o que a opposição fez a esta brilhantissima gloria? Foi aos boletins de fundos estrangeiros, procurou a cotação dos ultimos 3 annos e achou que todos subiram; e subiram tanto, que até os proprios fundos egypcios foram aadeante dos nossos; porque os portuguezes ganharam 20 e os egypcios 21 pontos!

Lá se foi por agua abaixo a unica gloria do sr. Marianno, aquella girandola de chuva de ouro com que elle acabava sempre os fogos de vistas da sua administração!

A não ser que aquella influencia chegasse até ás margens do Nilo, onde habita o **jacaré**.

Mas ha mais. Sob este ponto de vista a administração do sr. Mariauno de Carvalho é a peor da Europa.

Se a gerencia do ministro da fazenda é que faz subir os fundos, a do sr. Marianno está abaixo de tudo; isto é, o sr. Marianno é o ministro mais insignificante da Europa.

E favor lhe fazemos em não ir até á America procurar os parallelos das republicas sul-americanas.

Temos sobre a nossa banca o excellente jornal francez *O Economista*, de 2 de março, n.º 9. Na pagina 258, n'um excellente artigo firmado por Leroy Beaulieu, vem uma nota das cotações dos fundos de ha 6 mezes para cá.

Démos-nos ao trabalho de formar a seguinte tabella, que offerecemos aos nossos leitores:

Fundos	Subiram
Francezes 3 0/0	1,5
Austriaco, 4 0/0	1,5
Hungaro, 4 0/0	2,5
Hespanhol, 4 0/0	2,1
Russo, 5 0/0	3,90
Russo, 4 1/2 0/0	6,35
Hellenico, 6 0/0	10
Roumaico, 5 0/0	3,5
Divida ottomana privilegiada	15,4
Divida ottomana, 4 0/0	1,5
Portuguez, 3 0/0	1,4

O fundo portuguez foi, portanto, o que menos subiu.

O sr. ministro da fazenda é, pois, um ministro da fazenda que está muito abaixo do ministro da fazenda turca ou dos **ministros turcos** da fazenda.

Então o que fica da administração d'aquelle **sabio?**

Ficam uns poucos de milhares de empregados completamente inuteis; ficam os serviços n'um es-

tado de espantosa confusão e desordem; fica a indisciplina em todas as repartições; fica o paiz carregado com impostos vexatorios; fica n'um algarrismo medonho o acrescimo da divida publica; fica um *deficit* que este anno orçará por 12:000 contos; fica uma divida fluctuante de mais de 18:000 contos; e fica-lhe, por ultimo, a gloria de ter contrahido 69:000 contos de emprestimos e enriquecido n'um abrir e fechar de olhos uns poucos de amigos seus dilectos que ha tres annos não tinham vin-tem, e hoje teem milhares de contos de réis.

Queijos e Chimicos

Chegaram ha dias a Portugal uns poucos de estrangeiros, a quem o governo offereceu um taller á meza do orçamento. Vem recrutados para empregados publicos. Alguns veem ensinar o paiz a **fazer queijos!**

O sr. E. Navarro chegou a lembrar-se de outros para **fazer cera**.

—Cera... será de mais, respondeu-lhe o sr. Elvino de Brito.

De feito em cera pode o nosso paiz dar sota e az a todos os os paizes da Europa.

Isto parece incrível.

Pois um suiso é que ha de ensinar os povos da Serra da Estrella ou do Alemento a fabricar o seu saborosissimo queijo? Pois é preciso mandar vir um estrangeiro para isso? Pois tão reles é o ensino pratico dos nossos estabelecimentos agricolas, que eem habilita os alumnos a fazer ou a ensinar a fazer queijo?

O que é porém muito engraçado é que os **doutores em queijo** passaram de mestres a discipulos e em vez de ensinar aprenderam.

Isto é unico.

Vieram tambem **uns chimicos**.

E' exactamente pela chimica que a agricultura está clamando ha muitos annos.

Ella pede protecção, mercados, diminuição de impostos e braços baratos. E o governo, para attender, como lhe cumpre, os seus justos clamores, dá-lhe... *chimicos*.

A **chimica** é que lhe ha de augmentar o trigo nos celleiros, o vinho nas adegas e o gado nas pastagens.

A chimica é que ha de substituir o trabalho do governo, o serviço dos cousules, etc., etc.

Effectivamente de **chimica** é que a agricultura andava carecida.

Ninguem tinha perseguido bem a coisa, mas os queixumes dos lavradores eram *unisonos*.

—Deem-nos chimicos, senão acabamos com isto, era o que se ouvia de norte a sul.

E a agricultura official que começára por **magicos**, não podia deixar de acabar por **chimicos**.

Tudo poeira, tudo dinheiro atirado á rua.

E' mais um escalracho que o proximo governo tem de mandar arrancar das culturas orçamentaes.